

Ao vigésimo sétimo dia do mês de agosto de 2021, ocorreu virtualmente, pela plataforma Zoom, a reunião com intuito de discutir a criação de um Parque Marinho no entorno do Parque Estadual Ilha Anchieta (PEIA). Estavam presentes Betum, Gabriela (PEIA), Henrique TAMAR, Priscila Saviolo (PEIA/FF), Luciana Polly, Diego Hernandez (FF) e Berenice (TAMAR). Priscila inicia a reunião às 17:05 e expõe que há algumas questões que já foram trazidas neste processo e que a FF considera que devem ser retomadas. Adianta que o entendimento da FF é o de que não será possível a instalação de um cerco na área do Parque. Diego agradece a presença e expõe algumas ações promovidas pela FF, sendo estas o reconhecimento da arte do cerco, por meio de um endosso através de uma manifestação técnica, solicitando o reconhecimento formal dessa arte de pesca, para poder não só reconhecer, mas também dar fomento e buscar recursos para que se possa amplificar a cultura do cerco e a quantidade deles na APAMLN. Menciona um projeto institucional da FF, o qual já teve um começo, com dados. Aponta que a FF entende que esse projeto se encaixa neste contexto, que o projeto é para o litoral norte como um todo, mas que podemos começar por Ubatuba, que é uma referência para essa arte. Expõe que assim que houver uma retomada deste projeto, as coisas vão ficando mais claras e enxerga o Seu Joel integrando esse projeto. Expõe que há devolutivas positivas de retomada de discussão do plano de manejo da APAMLN. Priscila menciona que as temáticas do cerco e do Seu Joel podem ser pensadas no contexto do turismo de base comunitária, de forma educativa. Expõe que queria ouvir o que é pertinente e o que não é e ouvir qual é a leitura do Seu Joel, qual é o interesse dele, se há vontade de retomar a atividade dentro deste projeto da FF, em atividades educativas. Betum expõe que todos conhecem a história do Seu Joel e que já levou a situação para a FF em muitas ocasiões. Pergunta porque não transformar o cerco numa área de pesquisa, que é condizente com o parque. Aponta que seria condizente avisar o Seu Joel, na época, que ele não poderia pescar na área, e isso não foi feito. Expõe que no próprio site da FF, constava que havia um cerco na Ilha Anchieta, com um pescador tradicional, e que tiraram do site e não viram nenhum interesse da FF em abraçar essa causa. Sugere que se faça um projeto, compre embarcações, canoas, faça uma maquete de cerco. Aponta que o Seu Joel viveu mais da metade da vida dele na Ilha Anchieta. Diz que se deveria criar um mecanismo, uma zona de sacrifício. Expõe que já viu gestor cortando jundu na Ilha e que isso é um descaso. Sugere que se faça uma parceria, que solte 50% do pescado. Menciona que a Lucila, na APAMLN, falava em regularizar o cerco, em fazer um certificado de pescado sustentável. Aponta que esse pescado do cerco não vai ficar na Ilha Anchieta, que vai sair e ser pescado pela pesca industrial. Declara que o Seu Joel tem direito adquirido e sugere que se faça um projeto, uma parceria da FF para doação do pescado. Aponta que antes de tomar conta do social, tem que ver o tradicional também. Diz aos presentes, que quando forem fazer parte de outras empresas, irão fazer parte da história triste que é ter banido a cultura caiçara da Ilha Anchieta. Priscila faz uma ponderação em relação ao que foi colocado inicialmente, frisando que a FF não entende ser possível colocar o cerco na área do polígono, mesmo que para doação para a própria ilha. Aponta que, dentro da categoria parque, essa proposição não daria para acolher dentro de um projeto. Destaca que, no caso da proposição de um projeto educativo, este teria que ser pensado junto com os envolvidos. Pergunta, para além disso, se na área da APAMLN há o interesse do Seu Joel em retomar a atividade de pesca em outro local. Expõe que, se for o interesse, pode-se estabelecer uma agenda de reuniões, para que se pense a respeito. Berê pergunta para confirmar, se o que está se pensando é em um projeto de

cerco para a APAMLN, em outro local e pergunta o que foi pensado para a possibilidade da presença do Seu Joel na Praia do Sul, como pescador experiente, sem rede na água. Diego responde que a ideia é retomar essa discussão de tantos anos, que a Lucila trouxe e que o Márcio retomou. Expõe que a FF está com essa discussão para o aumento e fomento, incluindo financiamento, da arte do cerco. Berê expõe que, quando a gente escuta o depoimento do Betum, "nós como TAMAR estivemos na ilha em muitas gestões", sugerindo, por que não, um modelo, como uma maquete, mas uma maquete funcionando. Menciona o trabalho com o BID, na Almada e de máquinas de costura de pesca no Cambury. Expõe que a perspectiva de uma pessoa assistir o cerco é muito bacana. Aponta que o Manuel (ex-gestor do PEIA) passou por muitos momentos de questionamento se tirava ou não o cerco, e o Fausto falou que é patrimônio pela constituição. Destaca que podemos pensar em algum tipo de reparação, onde pode-se pensar o cerco como uma maquete flutuante e pensar se solta esse pescado. Menciona a merenda de Ubatuba, que hoje é ração, expondo que tem muitos ganchos que podem ser amarrados. Expõe que o polígono seria o mesmo, não estaria mudando nada, mas que a FF poderia dar um passo a mais, mostrando que está olhando muito além do "cara da gastronomia" vender o pescado sustentável. Destaca que "isso é vivo, é cultura". Menciona que há programas de conservação de tartaruga no México que tem contação de história, mas fica faltando a pesca em si. Pergunta que sentido faz o Seu Joel ficar na Praia do Sul na frente de uma maquete. Expõe que muito já se abriu de exceções dentro de UC, em casos específicos, e nem sempre é pelo tradicional. Aponta que o TAMAR é reconhecido hoje, não por sair prendendo pescador de tartaruga, e sim por fazer uma composição com a comunidade. Destaca que o cerco pode ser visto como uma grande maquete flutuante, e isso tem que ser muito bem amarrado como um projeto de Educação Ambiental. Expõe que não sabe se o receio da FF é abrir precedente, então que seja muito bem pensado. Aponta que tem que ver também se é isso que ele quer, ou se ele preferiria mesmo ter um cerco em outro contexto, na APAMLN. Henrique expõe que, pelo que se lembra, o Seu Joel não tinha, na época, interesse em ter um cerco em outro lugar, que o negócio dele é pescar na Praia do Sul. Betum concorda, e diz que a vida do Seu Joel é na Praia do Sul. Expõe que faz 5 anos que o processo dele está parado e que isso foi informado para a gestão, na época. Aponta que, se for começar um projeto agora, vai demorar. Priscila pergunta se Betum já perguntou pro Seu Joel se ele tem interesse em retornar para pescar somente na Praia do Sul e se já perguntou em relação a atuar em algum projeto de educação ambiental, sem a pesca, se ele tem interesse. Betum responde que sim, ele sempre quis retornar a atividade e que sobre outras atividades não perguntou. Pergunta porque não abrir para a pesca, sendo que é ecologicamente correto, assim como o parque. Diz que é uma injustiça e que a FF tem tempo de rever isso. Declara que: "façam parte da história para mudar isso enquanto é tempo". Berê diz que há mais do que um assunto na mesa. O primeiro é o processo, o qual não está preparada para conversar sobre, e que podemos falar depois. O segundo é a UC em si, que no entendimento dela, não vai mudar uma área que é de interdição de pesca, só vai controlar de outro jeito. Expõe que enxerga o Seu Joel como exceção, que é uma via de duas mãos, como uma oportunidade de reparo de uma injustiça e como uma exceção por enxergar algo muito particular por conta da figura dele, do que ele representa, e não como precedente para voltarem outros cercos para lá. Destaca que faz sentido perguntar para ele se ele tem interesse em pescar na APAMLN em outro contexto, porque às vezes pode-se estar conversando sem saber o que ele quer. Declara que só vê essa outra saída. Expõe que o TAMAR é favorável à UC e que sabem que existem bons pescadores, mas que também há aqueles que não cumprem a lei e por isso são favoráveis à UC, pois se abrir para pesca vai ser ruim para os próprios

pescadores. Aponta que acha que é sim possível abrir essa exceção, por serem peixes de passagem. Destaca que se colocar na mesma discussão o processo, a criação de UC e a possibilidade de permanência do Seu Joel na Ilha Anchieta, pode ser um tiro no pé e perder uma oportunidade de discutir oportunidades para ele. Polly (Luciana) concorda com a Berê, apontando que ela deu sugestões inovadoras para a FF. Diz que sabem que há muitos "Seus Joels" e que devem tentar, de alguma forma, dar um apoio para ele e para todas as pessoas que foram impostas a implantação de um parque. Aponta que temos que não repetir os mesmos erros e que tem que perguntar para ele o que ele quer. Diz que a FF não pode fazer mais do mesmo, implantar UCs pensando apenas na conservação ambiental da flora da fauna, sem incluir o social e reparar o que aconteceu na história de vida dele. Expõe que as comunidades tradicionais sofreram muito com a imposição das UCs, que é preciso ver os caminhos e possibilidades para mudar essa forma de implantação, que não está levando em conta as comunidades tradicionais e que a pesquisa científica é sim uma forma de reparo. Diego destaca que, sobre o ato tendente, toda vez que um pescador artesanal é autuado, a gestão é obrigada a fazer um laudo e que já foi feita a caracterização operacional para que o fiscalizador não autue equivocadamente. Aponta que já estamos maduros com a redação, já pactuada, que vai para todos os textos que vão para a criação. Priscila completa que foi usada a escrita já trabalhada na minuta do plano de manejo da APAMLN e que hoje mesmo há a resolução da SMA e que houve um retorno favorável do jurídico para que não seja impedido esse texto em outras instâncias. Aponta que será feita essa leitura na próxima reunião com o setor da pesca. Diz que o foco do projeto é realmente puramente biológico e que parte de um princípio ambiental, sim, com o aspecto social satélite, e que precisam dizer isso por que a outra consideração é a leitura sobre o SNUC, que há a possibilidade de trabalhar um mosaico, em Ubatuba, de áreas protegidas. Diz que existem visões que são objetivos da APA marinha e que não seria correto não observar essas atividades condizentes com o objetivo da APA marinha. Diego expõe que estão buscando um projeto de proteção integral e preveem os outros usos possíveis de uso sustentável, vinculados à categoria condizente no SNUC, que é a APA. Expõe que estão dispostos a até acelerar um caso especial pro Seu Joel, se ele estiver disposto a trabalhar de forma comercial, fora do polígono e que estão dispostos, inclusive a custear isso. Diz que podemos, sim, trabalhar um caso específico para o seu Joel para dar um *start* nisso, na área da APA e que tentaremos sempre acomodar situações especiais como essa para fazer algo especial dentro da instância que permite esse uso no SNUC. Berê diz que, pelo que entendeu, não existe a possibilidade de tentar encontrar uma forma alternativa na Praia do Sul, mas que há a possibilidade de ser encontrada uma forma acelerada e custeada de ativação de um cerco na APA, em local que ele indicar. Acha que agora tem que ser feita uma consulta para o Seu Joel. Diego afirma, exatamente. Betum diz que vai consultar, pois o cerco é uma visita constante, de 4 a 5 vezes por dia e por que ele morava na Ilha Anchieta, se ele quer, ou se ele prefere atuar sem pesca na Ilha Anchieta. Berê pergunta se existe a possibilidade de atuar na Ilha Anchieta em algum programa educacional. Diego responde que poderia se somar ao trabalho no centro de visitantes. Berê pergunta, nesse caso, como o Seu Joel viveria e quem bancaria a vida dele. Diz que no caso da APA, com a pesca, mas nessa situação no CV, pergunta qual a contrapartida, quem vai bancar ele, pergunta se o permissionário irá bancar o retorno dele. Diego diz não ter a resposta, mas que pode se pensar em algo, em um projeto, um patrocínio. Berê diz ser importante agora falar das duas perspectivas pro Seu Joel, fala para que Betum converse com ele para pensarmos juntos nessas duas situações, pois ele precisa de uma remuneração. Betum vai procurar ele essa semana e comunicar a possibilidade. Expõe que quer que corram atrás, que não



caia no esquecimento, até de forma a procurar esse processo na Justiça Federal, que seja dada uma atenção a isso também. Berê diz que o TAMAR está à disposição para ajudar no que puder. Priscila agradece a todos e encerra a reunião às 18:21.